

EM MEIO AO OCEANO DIGITAL... O MUNDO EM NOSSAS MÃOS!?

Luciana Velloso¹

Introdução

O presente texto tem como objetivo indagar acerca dos diferentes usos das novas tecnologias por parte de discentes da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), espaço onde leciono. Objetiva ainda identificar como as novas tecnologias (com destaque para as mídias digitais) estão sendo utilizadas pelos discentes nas aulas e fora delas. Para tanto, busco desenvolver um trabalho de cunho etnográfico, que lança mão de observações sistemáticas, confecção de um caderno de campo, entrevistas semi-estruturadas, conversas informais e participação de forma intensiva no cotidiano daquele espaço institucional.

Com a intensificação da defesa de políticas que possam dar conta das exigências encetadas por este cenário de globalização e de um mundo constantemente em mutação, tem se atribuído à educação o papel de responsável por assegurar as condições para que crianças e jovens se adaptem às configurações contextuais que se apresentam e, no caso em questão, o uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs).

A despeito de afirmações que indicam que atualmente se lê menos, identifico que se configuram novos protocolos de leitura e escrita, cada vez mais nômades, não-lineares e hipertextuais, diretamente atrelados a outros recursos, sobretudo as tecnologias móveis, como celulares, *tablets* e *netbooks*. Os canais de divulgação e produção de conteúdos tem sido como cada vez mais múltiplos e plurais, assim como os recursos utilizados para tanto.

Algumas discussões

Não há como desconsiderar a centralidade do fazer docente quando tratamos dos usos de recursos tecnológicos em espaços educacionais, pois estes podem tanto adotar uma postura mais aberta ao novo e flexível quanto de rejeição e negação às novas formas de comunicação e interação digital que estão postas, em diferentes níveis, para nossos discentes. Silva (2003) discutindo a importância da formação docente e a centralidade do/a professor/a para a superação do analfabetismo digital para a aprendizagem do manejo de computadores pelas novas gerações.

Seguindo adiante com as reflexões de Silva (2003), concordo que a presença da tecnologia na área educacional por si só não resolve ou necessariamente não garante a discussão de questões como relevância do letramento; exclusão social e cultural; exigências do mercado de trabalho, dentre outras (p. 20).

Lajolo e Zilberman (2009) afirmam que livros e computadores não se excluem, são “parceiros”. Modifica o tipo de leitura, marcado pela lógica da simultaneidade, a ideia de se trabalhar com várias janelas ao mesmo tempo. Leitor “hipertextual” move-se de forma distinta do que se demanda da leitura dos textos impressos. Conexões entre hiperlinks que produzem novas e inesperadas conexões entre os textos (p. 35).

Novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) estão fazendo parte de modo intensivo do cotidiano de nossos alunos e alunas consolidando a visão de que os recursos multimidiáticos, sobretudo as representavam um veículo privilegiado para um projeto de cidadania, o que demanda um novo perfil de docente que esteja preocupado não mais apenas

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lucianavss@gmail.com.

com uma formação para a leitura de livros, mas que leve em conta outro tipo de alfabetização, a da informática e das multimídias (MARTÍN-BARBERO, 2000).

Hierarquias de outrora parece que vão sendo repensadas, novos procedimentos de pensamento e negociação coordenam práticas coletivas que podem fazer emergir o que Lévy (2007) denomina inteligências coletivas, que com os instrumentos de comunicação e do pensamento coletivo acabam por demandar a reinvenção da democracia, “distribuída por toda parte, ativa e molecular” (p. 15). Redes digitais alteram nossas formas de ver e ler. Reinvidicações são convocadas por e-mail e celular, configurando novas formas de participação social. As vozes que não são ouvidas por organismos internacionais, governos e partidos políticos conseguem coordenação e eloquência fora da mídia.

Lévy (2007, 2008) e Lemos (2015) apresentando visão otimista da cibercultura, entendendo que na Internet nada fica excluído, pois nossa própria humanidade se encontra ali “de forma não hierárquica, livre, móvel e abundante como uma biosfera” (LEMOS, 2015, p. 13).

Ativismo digital em tempos de mudança

Levando em conta que os diferentes canais de comunicação não costumam noticiar as versões das envolvidas e dos envolvidos no contexto de greve unificada em que a UERJ se inseria (desde 7 de março de 2016), no dia 16 de maio de 2016, desenvolvemos uma atividade que propôs uma discussão sobre as diferentes formas pelas quais este momento peculiar de nossa Universidade estava sendo vivenciado por alunas e alunos, sobretudo enfocando a discussão do ativismo digital, ou sobre suas relações com os recursos tecnológicos para lidar com a multiplicidade de atividades/ notícias/ eventos/ convites... e ao mesmo tempo das dificuldades de estarmos todas e todas discutindo presencialmente, face a face, nossas possibilidades concretas de utilizar as mídias digitais como aliada no momento em que os encontros físicos estão mais dispersos e desterritorializados.

Contamos com a presença de um dos integrantes do Coletivo “Mídia Ninja” (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação), que tem se caracterizado como um dos canais de produção e divulgação de informações mais populares nas redes sociais, recebendo maior repercussão desde os protestos de junho e julho de 2013. O debate girou em torno da importância de produzirmos nossos conteúdos em um contexto de grande monopólio midiático, o que estreita a relação entre virtual e os espaços públicos de encontros presenciais (MALINI e ANTOUN, 2013).

No dia 30 de junho de 2016, realizamos o segundo encontro para aprofundar a discussão sobre os usos de tecnologias e a produção de conteúdos digitais. O encontro Mídia em Movimento promoveu um debate acerca das possibilidades criadas a partir das novas tecnologias de comunicação para produção e veiculação de conteúdos por parte dos estudantes universitários.

O ponto de partida para o debate foi a exibição de uma versão resumida do filme documentário “Mídia em Movimento”, produzido pelo Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD/FCS/UERJ), que acompanha coletivos de mídia comunitária e alternativa para discutir a democratização da informação. Nessa versão resumida do filme, foram focalizados alguns grupos que se destacaram na produção e veiculação de material audiovisual na internet ao longo das jornadas de junho de 2013. Além do diretor do filme, o debate contou com a presença de professores/as e discentes de diferentes cursos, sobretudo do curso de Pedagogia.

O grupo presente se sentiu motivado a ter mais informações sobre como produzir informações de forma independente e com recursos simples, como um celular, por exemplo. Tais motivações demandam que tomemos como ponto e partida a concepção de uma “nova ecologia cognitiva”, que Lévy (2008) já prenunciava. Por mais que façamos ressalvas, não há como ignorar o fato de que o mundo está cada vez mais conectado e que grande parte do acervo

de conhecimento produzido pela humanidade. E que a Universidade não se dissocia deste contexto mais amplo, embora os níveis de conexão entre o alunado sejam distintos.

Algumas análises

Com base nos depoimentos discentes obtidos após os encontros, algumas constatações podem ser bastante profícuas para os encaminhamentos futuros da pesquisa que se encontra em andamento. Os depoimentos transcritos giraram em torno de temáticas como relação com as novas redes, aplicativos e programas de comunicação digitais; facilidades e dificuldades para o uso das novas tecnologias dentro e fora da Universidade; relação entre aceitação ou não dos docentes para com o uso das novas tecnologias em sala e fora dela e se sentiam falta de uma formação que estivesse mais integrada ao uso das novas tecnologias na Universidade.

Com base no material organizado e transcrito, alguns apontamentos se encaminharam para questões mais técnicas, como as da aluna R. de 21 anos, do quinto período:

[...] Acredito que as pessoas tenham o domínio das tecnologias, mas as dificuldades com a falta de conhecimento da estrutura local (no caso a estrutura do computador na universidade) atrapalham o uso dos mesmos (R. 21 anos, 5. p.).

A aluna também apresentou propostas para um melhor uso dos recursos existentes:

A facilidade é que temos os equipamentos. As dificuldades são que estes equipamentos são de uso coletivo, e as pessoas acabam mexendo e as vezes mudando conexões ou configurações do sistema, e nós, sem saber dessas alterações acabamos perdendo tempo para utilizar as tecnologias a nossa disposição. Outra dificuldade é a conexão com a Internet. Temos vários Wi-fi, mas as senhas não são acessíveis por todos e isso, na minha opinião, atrapalha muito. Deve ser feita uma catalogação dos Wi-fi disponíveis com as suas respectivas senhas e entregue aos professores para que eles possam ter um acesso com maior facilidade (R. 21 anos, 5. p.).

Ao mesmo tempo em que são incluídos a partir do momento em que estão conectados/as nestas redes digitais, também podem se sentir, nos termos de Bourdieu e Champagne (1998), “excluídos do interior” da instituição, ao não dominarem os novos códigos demandados pela mesma. A aluna J. de 44 anos, cursando o sétimo período, relata ter muitas dificuldades para o uso das novas tecnologias na Universidade, sendo estas muito mais um elemento que lhe traz problemas. Sente falta de uma formação integrada aos recursos tecnológicos, chegando a afirmar: “Seria bem interessante e oportuno uma disciplina, uma eletiva que oportunizasse uma alfabetização digital”.

No que se refere à percepção da relação dos docentes em relação aos usos dos recursos tecnológicos, o grupo fez algumas sinalizações bastante relevantes. Por exemplo, a aluna R., de 21 anos, do quinto período, chega a utilizar o termo “aversão” para tratar desta relação: “Alguns professores vejo que tem aversão, mas a maioria adere ao uso das tecnologias [...]” (R. 21 anos, quinto período). A aluna A., 31 anos, do oitavo período, se expressa de forma um tanto quanto semelhante: “Acredito que boa parte dos docentes ainda resiste em usar as novas tecnologias em sala e fora da sala devido ao preconceito que existe sobre as novas tecnologias [...]” (A. 31 anos, oitavo período).

Uma das entrevistadas comenta que além das dificuldades técnicas, a relação também não é das mais simples. Ela indica que esta é

“[...] Difícil. Não temos acesso à internet para os alunos. Os computadores das salas não funcionam bem. E quando alguns alunos levam seus textos em PDF no tablet ou celular, alguns professores pedem que o mesmo guarde, e o aluno fica sem conseguir acompanhar a aula” (G. 22 anos, oitavo período).

Com base das análises discentes, pode perceber que por mais que os discentes se interessem por discutir e trazer estas novas formas de comunicação e ativismo digital para suas salas de aula, persistem as resistências docentes ao uso dos recursos tecnológicos, em consonância com o que sinaliza Silva (2003). O autor constata a existência de um fenômeno que ele denomina “tecnofobia” (p. 15), por parte de muitos/as docentes. O termo se refere à recusa a qualquer tecnologia de natureza elétrica ou eletrônica e o que ele também identifica como certo “mal-estar docente” (uma confusão frente ao variado conjunto de tecnologias atualmente disponíveis).

Considerações finais, embora parciais: criando outros links...

Além dos encontros presenciais, as discussões com os discentes do curso de Pedagogia permanecem através da criação de uma página do Facebook. A página reúne vinte alunos/as que participaram dos encontros e que colaboraram com as entrevistas. A página se constitui em um espaço de trocas que produzem novas propostas.

Levando em conta um novo tipo de letramento propiciado pelo advento da cibercultura (LÈVY, 1999), as tecnologias podem ser responsáveis por (re)organizar as práticas sociais, acarretando uma série de consequências consideráveis para pensar a leitura e a escrita no âmbito pedagógico. No espaço universitário, podemos perceber a convergência destes diferentes protocolos de leitura e escrita, se traduzindo nas falas e vivências do alunado.

Ainda é forte a insistência, por grande parte do professorado, na existência de um divórcio entre, de um lado, instituições educacionais e, do outro, o mundo da televisão, cinema e outros passatempos audiovisuais. Essa visão antagônica vem sendo recolocada há vários anos, tanto nos estudos sobre cultura como nos que são feitos sobre comunicação (GARCÍA-CANCLÍNI, 2008). Os saberes e o imaginário contemporâneos não se organizam, faz pelo menos meio século, em torno de um eixo letrado, nem o livro é o único foco ordenador do conhecimento. Muitos relutam em traduzir essas mudanças no conceito de uma escola que admita a interação da leitura com a cultura oral e a audiovisual-eletrônica. Os processos de convergência digital estão articulando cada vez mais uma integração multimídia que permite ver e ouvir no celular, no Palm ou no Iphone, áudio, imagens de textos, vídeos... traduzindo-se em novos hábitos destes leitores, espectadores e internautas.

Em suma, a tecnologia não determina a sociedade, mas ela é parte integrante dessa sociedade. É importante não ignorarmos esta assertiva, nem no sentido de supervalorizar os equipamentos que as escolas recebem, nem passar à revelia dos/as mesmos/as. Nisso, as diferentes práticas docentes em consonância com a formação discente têm muito a contribuir.

Referências

BOURDIEU, P. ; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 217-227.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

GARCÍA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

_____. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

LAJOLO, M. ; Zilberman, R. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura e seus discursos**: São Paulo: Ática, 2009.

LEMONS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008, 15. reimpressão.

MALINI, F. ; ANTOUN, H. **A Internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto alegre: Sulina, 2013.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000.

SILVA, E. T. (coordenador). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.